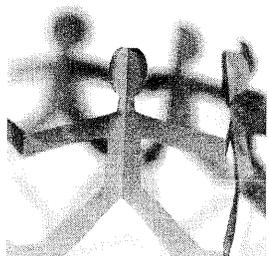


# ERIT – Um instrumento para Avaliação das Relações Interpessoais no Trabalho

João Luís Alves Apóstolo \*  
Luís Manuel de Jesus Loureiro \*\*

Neste artigo é apresentada uma Escala para a abordagem das Relações Interpessoais no Trabalho (ERIT). Este instrumento foi construído para avaliar as relações que as pessoas desenvolvem no contexto de trabalho, aborda as dimensões Sociabilidade e Sentimento de Si e aplica-se sob a forma de auto relato.

O último estudo foi realizado numa amostra de 213 enfermeiros, tendo revelado, do ponto de vista da fidelidade, uma boa consistência interna das dimensões e bons índices de estabilidade temporal, o mesmo se passando relativamente à validade de construto, verificando-se uma estrutura empírica (derivada da análise factorial) consistente com os enunciados e referenciais teóricos.



## Introdução

Os grupos têm a capacidade para alterar o raciocínio aritmético, uma vez que o comportamento dos indivíduos em grupo é algo mais do que a soma das partes. Considera-se o desenvolvimento de relações positivas no seio dos grupos de trabalho como uma importante peça para o desenvolvimento organizacional e, em particular, o conhecimento resultante da avaliação das relações interpessoais no que respeita aos profissionais da saúde pode servir para

determinar propostas de intervenção no contexto dos serviços.

O grupo define-se não pela proximidade ou soma dos seus membros, mas como um conjunto de pessoas interdependentes, constituindo um organismo onde se desenvolve um sistema de «tensões» positivas e negativas e onde o seu comportamento consistirá numa série de operações que visam resolver essas tensões com tendência para o equilíbrio (Lewin, 1973, Cit. In BILHIM, 1996).

O trabalho tem uma importância indiscutível na vida dos homens, sendo apresentado principalmente pelas ciências sociais como elemento central para a compreensão da sociedade. O trabalho representa para os indivíduos não apenas uma forma de ganhar a própria vida, mas assume-se também como fonte de identificação do homem

\* Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica – Hospital Sobral Cid, Coimbra – Requirido na Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca – Área Científica de Investigação no Âmbito da Enfermagem na Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

\*\* Professor Adjunto na Área Científica de Investigação no Âmbito da Enfermagem na Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

para com o grupo de pares e para com a sociedade, constituindo-se como uma forma de inserção social. Essa identidade é construída pelo indivíduo no dia-a-dia de trabalho, a partir das experiências por ele vivenciadas, e acompanha marcadamente toda a sua vida.

O desenvolvimento das relações interpessoais na qual o Eu interage com o outro tem subjacente a percepção que cada um tem de Si e do outro, bem como o desenvolvimento das interações entre as partes que caracterizam a dinâmica de grupo.

A estrutura dos grupos, a dinâmica das suas interações e a sua influência a nível do comportamento individual constituem, segundo afirmam FERREIRA *et al.* (1996), importantes áreas de estudo do comportamento organizacional.

O desenvolvimento do processo de comunicação intrapessoal tem subjacente a formação da auto-consciência. DAMÁSIO refere-se à formação e desenvolvimento da «consciência de Si», identificando-a como «consciência com um sentido de Si». Ter um sentido de Si não é só necessário para o conhecimento, mas influencia também o processamento de tudo aquilo que se torna conhecido. *As raízes profundas do Si, incluindo o alargado que abarca identidade e individualidade, podem ser encontradas no conjunto de dispositivos que de forma contínua e não consciente mantêm o estado do corpo* (DAMÁSIO, 2000, p. 39).

O processo de comunicação organizacional é desenvolvido entre pessoas que comunicam, acima de tudo, emoções. O conceito de inteligência emocional vem dar uma nova tónica às questões da comunicação no contexto organizacional. Esta perspectiva admite que a inteligência também se mede através de factores como a autoconsciência, a empatia, a motivação e a capacidade para lidar com as pessoas.

Considera-se o relacionamento interpessoal desenvolvido no contexto de trabalho tendo em conta as seguintes dimensões:

A **Sociabilidade** é uma dimensão que diz respeito a aspectos comportamentais do relacionamento interpessoal no trabalho desenvolvido com os pares de trabalho.

O **Sentimento de si** é uma dimensão que diz respeito a sentimentos intrapessoais, sobre as relações desenvolvidas com os pares de trabalho.

## Metodologia de desenvolvimento do instrumento – ERIT

A Construção da ERIT foi precedida de uma revisão da literatura sobre o desenvolvimento relacional e de relações interpessoais no seio do grupo de trabalho, suportando a elaboração dos itens da escala. Para um rastreio prévio da validade de conteúdo, foram submetidos à apreciação de um grupo de 5 peritos na área que permitiu a sua reformulação.

A versão original da escala era composta por 18 itens que estavam relacionados com o conteúdo das duas dimensões de derivação teórica: *Sentimento de Si Social e Sociabilidade*. Seguidamente, a escala foi objecto de revisão tendo sido acrescentados um conjunto de 6 itens e retirados 2 com o objectivo de aumentar a representatividade teórica das dimensões.

### Descrição do Instrumento

Esta escala é apresentada sob a forma de auto-relato numa estrutura tipo *Likert* de 1 a 6 pontos e de acordo com a seguintes instruções: *por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e depois assinale a sua opinião na grelha à direita colocando um círculo sobre o número que melhor corresponde à sua opinião relativamente às relações que estabelece com os seus colegas de trabalho: (1) Completamente em desacordo; (2) Moderadamente em desacordo; (3) Ligeiramente em desacordo (4) Ligeiramente de acordo; (5) Moderadamente de acordo; (6) Completamente de acordo.*

### Sujeitos

A versão inicial da ERIT foi aplicada a uma amostra de 92 indivíduos (APÓSTOLO, 2001); a versão revista deste instrumento foi administrada a uma amostra de 213 enfermeiros, seleccionados entre os alunos que frequentavam o Curso de Complemento de Formação em Enfermagem de duas Escolas Superiores de Enfermagem da Região Centro. A distribuição dos elementos da amostra pelas variáveis sexo e estado civil é apresentada no Quadro 1.

QUADRO 1 – Distribuição dos elementos da amostra segundo sexo e estado civil (n = 213)

Variáveis		n	%
Sexo:	Feminino	171	80,3
	Masculino	42	19,7
Estado Civil:	Casado(a)	137	64,3
	União de facto	7	3,3
	Solteiro(a)	61	28,6
	Viúvo(a)	2	0,9
	Divorciado(a)	6	2,8

Relativamente às variáveis idade e anos de serviço dos enfermeiros, os valores das medidas estatísticas calculadas são apresentados no Quadro 2.

QUADRO 2 – Estatísticas resumo da amostra relativamente à idade e anos de serviço (n = 213)

Variável	mínimo	máximo	$\bar{x}$	s
Idade	23	52	32,94	5,24
Anos de Serviço	2	28	9,59	4,56

QUADRO 3 – Coeficientes de correlação dos itens com o total de cada dimensão e respectivos coeficientes de consistência interna da dimensão Sociabilidade (n = 213).

Item	Média	Desvio padrão	Correlação item-total (corrigida)	Alpha se apagado o item
Item 13	4,8365	1,0551	0,7222	0,8421
Item 12	4,9712	1,1289	0,6992	0,8433
Item 8	4,7644	1,0574	0,6865	0,8450
Item 1	4,6635	1,1303	0,6195	0,8501
Item 5	4,3077	1,1127	0,6200	0,8501
Item 4	4,6587	0,9799	0,5916	0,8529
Item 7	5,2740	0,7844	0,4835	0,8611
Item 16	4,4471	1,4437	0,4703	0,8679
Item 17	4,3558	1,2505	0,5138	0,8600
Item 3	5,2260	0,8911	0,4859	0,8605

Número de casos: 213; 10 itens; alpha da dimensão: 0,8662

QUADRO 3.1 – Coeficientes de correlação dos itens com o total de cada dimensão e respectivos coeficientes de consistência interna da dimensão Sentimento de Si (n = 213).

Item	Média	Desvio padrão	Correlação item-total (corrigida)	Alpha se apagado o item
Item 6	4,1106	1,3342	0,4186	0,6906
Item 9	3,2452	1,4850	0,5075	0,6672
Item 10	4,8990	0,9851	0,2692	0,7200
Item 11	4,0048	1,3206	0,5329	0,6628
Item 14	4,6202	1,3779	0,3887	0,6980
Item 15	3,2548	1,3962	0,4553	0,6814
Item 2	4,4087	1,5264	0,4361	0,6873

Número de casos: 213; 7 itens; alpha da dimensão: 0,7200

## Estudo da fidelidade

No estudo de Fidelidade, procedemos à análise da consistência interna (homogeneidade dos itens) para cada uma das suas dimensões. A par do número de itens, introduzimos o respectivo coeficiente de consistência interna (dado o formato *likert* dos itens, optou-se pelo cálculo do coeficiente alpha de Cronbach) e ainda o coeficiente de correlação corrigido entre o resultado no item e o resultado na escala (coeficiente de correlação, corrigido pela não tomada de pontuação desse item no cálculo do total a correlacionar).

Com base nas correlações com o total da escala e o valor do coeficiente alpha se apagado esse item, verificámos quais os itens mais problemáticos de forma a determinar um conjunto de itens a manter na versão, de modo a que ambas as dimensões fossem representadas e que a escala se apresentasse como um instrumento fidedigno.

Assim, após a análise, retivemos um conjunto de 17 itens. Todos os itens retirados apresentavam

valores de correlação < 0,3 e influenciavam negativamente o valor do coeficiente alpha de Cronbach. Com este critério retiramos da análise 4 itens dos que tínhamos na versão preliminar do instrumento.

Para averiguar a estabilidade temporal procedemos, como se pode verificar no Quadro 4, ao cálculo do coeficiente de correlação de Pearson entre o teste e o reteste para igualdade de médias em amostras emparelhadas, para ambas as dimensões.

Relacionando os resultados obtidos no primeiro e no segundo momento (intervalo de 4 semanas) podemos verificar que determinam boa estabilidade temporal relativamente à dimensão Sentimento de Si e uma estabilidade menos satisfatória em relação à dimensão Sociabilidade.

QUADRO 4 – Resultados do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson entre o teste e o reteste para igualdade de médias em amostras emparelhadas, para as dimensões Sociabilidade e Sentimento de Si

Dimensões	r	(t <sub>1</sub> – t <sub>2</sub> )
Sociabilidade	0,620 (p = 0,004)	0,879 (p = 0,389)
Sentimento de Si	0,849 (p = 0,000)	- 1,054 (p = 0,305)

## Validade de Construto

Para o estudo da validade de construto, utilizamos a análise factorial em componentes principais (ACP) à totalidade dos 17 itens, usando como critério para a retenção dos factores a apresentação de valores próprios superiores a 1. A utilização do *scree plot* revelou uma estabilidade acentuada a partir do 2.º factor.

Deste modo, foram extraídos dois factores que explicam na totalidade 44,52% da variância. Estes factores foram rodados ortogonalmente usando o procedimento VARIMAX (Quadro 5).

A estrutura factorial emergida da análise factorial é razoavelmente clara e interpretável. O 1.º factor explica 28,44% da variância e é constituído pelos 10 itens referentes à dimensão “Sociabilidade”, todos os itens com *loadings* > 0,4. Em todos os casos a diferença de *loadings* é > 0,2. Relativamente ao 2.º factor extraído, explica 16,08% da variância e é constituído por 7 itens todos eles com *loadings* > 0,4. Neste factor saturam todos os itens referentes à dimensão “Sentimento de Si”.

Da análise da matriz factorial concluímos que todos os itens saturam na dimensão definida conceptualmente, não saturando nenhum item em mais que um factor com peso > 0,3, o que abona em favor da validade de construto deste instrumento.

QUADRO 5 – Análise Factorial de Componentes Principais após rotação para solução VARIMAX com 2 factores.

Itens	Sociabilidade	Sentimento de Si
13 – Sinto que sou querido pela maioria	0,800	
12 – Sinto-me contente com o relacionamento que mantenho	0,793	
8 – Sinto que posso contar com	0,753	
1 – É fácil manter relações estreitas com os meus colegas	0,694	
5 – Eu e os meus colegas de trabalho compreendemos	0,686	
4 – Os meus colegas de trabalho estão dispostos a	0,671	
7 – Os meus colegas de trabalho, demonstram ter confiança	0,618	
16 – É muito difícil para mim confiar nos	0,605	
17 – O relacionamento com os meus colegas de trabalho	0,602	
3 – Estabeleço com facilidade relações com os meus colegas de trabalho	0,565	
11 – Sou muito sensível às críticas		0,713
9 – O meu desempenho profissional é influenciado		0,691
15 – Sou facilmente influenciado		0,684
2 – Os conflitos com os meus colegas de		0,611
6 – Preocupo-me com a possibilidade dos meus		0,575
14 – É difícil para mim quando me sinto rejeitado pelo		0,491
10 – Sinto-me mais confiante e seguro quando trabalho em equipa		0,412
Valores próprios	4,834	2,734
% variância explicada	28,438	16,081
% acumulada	28,438	44,519

## Resumo dos scores da amostra

Embora não se possa assumir como valores norma, ainda assim apresentamos (Quadro 6) os valores relativos às dimensões Sociabilidade e Sentimento de Si, dado que poderão ser úteis em estudos posteriores com amostras constituídas com base noutras populações.

QUADRO 6 - Estatísticas descritivas das dimensões Sociabilidade e Sentimento de Si

Variáveis	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	CV
Sociabilidade	18	60	47,54	7,31	15,38%
Sentimento de Si	9	42	28,55	5,73	20,07%

## Conclusão

Os resultados da aplicação da versão experimental da Escala de Relações Interpessoais no Trabalho – ERIT – indicam-nos que é válida a utilização deste instrumento, dadas as suas qualidades psicométricas satisfatórias, como uma medida de avaliação do relacionamento interpessoal no trabalho.

Apesar de não se poder utilizar os valores obtidos nas estatísticas descritivas como norma, dada a reduzida dimensão da amostra, tratam-se de resultados que indiciam que este instrumento poderá ser utilizado em futuros estudos que envolvam populações diferenciadas e âmbitos situacionais diferenciadores e que necessitem avaliar as relações interpessoais em contexto organizacional. A importância desta avaliação prende-se, como já foi referido, pela proximidade que existe entre a capacidade de relacionamento das pessoas em contexto de trabalho e o potencial «capital humano» existente nas organizações, podendo assim ser este instrumento utilizado para fazer um diagnóstico da situação que seja orientador de mudanças no seio das organizações.

Quanto a limitações, podemos referir o facto de não ter sido feito um estudo da validade convergente, aspecto que deverá ser feito no futuro.

## Bibliografia

APÓSTOLO, João – Afectividade e Relações de Trabalho. *Referência*. nº 6 (Maio, 2001), p. 29-38.

APÓSTOLO, João – Bem-Estar Subjectivo ou Psicológico. *Boletim da biblioteca do Hospital Sobral Cid*. nº1, (Janeiro – Junho, 2000), p. 17-27.

ALLPORT, G. W. – *Pattern and growth in personality*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1961.

BARKHAM, Michael – The relationship between interpersonal attachment styles and work difficulties. *Human relation*. vol. 47, nº 3, (1994), p. 263-281.

BILHIM, J. A. – *Teoria organizacional: Estruturas e pessoas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1996.

BRENNAN, Kelly – Dynamic Processes Underlying Adult Attachment Organization: Toward an Attachment Theoretical Perspective on the Healthy and Effective Self. *Journal Of Counselling Psychology*, vol. 47, nº 3, (2000), p 283-300.

CANAVARRO, José Manuel – *Teorias e paradigmas organizacionais*. Coimbra: Quarteto, 2000. ISBN 972-8535-32-5.

CANAVARRO, Maria Cristina – *Relações afectivas e saúde mental. Uma abordagem ao longo do ciclo da vida*. Coimbra: Quarteto, 1999.

CHAMBEL, M. José; CURRAL, Luís – *Psicossociologia das Organizações*. Lisboa: Texto Editora, 1995. ISBN 972-47-0656-7.

CUNHA, Manuel Pina – *Teoria Organizacional. Perspectivas e Prospectivas*. Lisboa: Don Quixote, 2000. ISBN: 972-20-1644-X.

DAMÁSIO, António – *O Sentimento de Si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Ciência*. Mem Martins: Europa América, 2000.

FERREIRA, J. M. C. et al. – *Psicossociologia das Organizações*. Lisboa: McGraw Hill, 1996.

FERREIRA, J.A. ; Simões, A. – Escalas de Bem-estar Psicológico. *Testes e Provas Psicológicas em Portugal*, nº 2, (1999) p. 110-121.

GOLEMAN, Daniel – *Inteligência Emocional*. Lisboa: Circulo de Leitores, 1996. ISBN: 9724213765

HAZAN, C.; SHAVER, Philip. – Love and Work: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 59, (1990), p. 511-524.

ROGERS, C. R. – *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

VAZ SERRA, A. – A importância do auto-conceito. *Psiquiatria Clínica*. vol. 8, nº 3, (1986), p. 127-136.

Nota: A versão integral da Escala descrita neste artigo será facultada para utilização em projectos de investigação, devendo os eventuais interessados contactar os autores para esse efeito.

joaoapostolo@eseaf.pt  
luisloureiro@hotmail.com